Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Movimentos sociais midiatizados: análise de casos de apropriação de *Ni Una Menos* e *Black Lives Matter* no Instagram[1]

Mediatized social movements: analysis of cases of appropriation of Ni Una Menos and Black Lives Matter on Instagram

Maria Clara de Sousa Caju
Lidia Raquel Herculano Maia

Palavras-chave: Movimentos sociais; Midiatização; *Ni Una Menos*; *Black Lives Matter*; Instagram.

Movimentos sociais são ações coletivas que se articulam para expressar demandas de grupos de indivíduos através de diversas estratégias, que podem ir da simples denúncia até a pressão direta nas ruas e redes sociotécnicas (GOHN, 2011). Nos últimos anos, os principais movimentos articulados pela sociedade civil têm sido organizados e visibilizados por meio das redes sociais virtuais. A internet tem se constituído, assim, como uma importante arena para que as pessoas possam se organizar em coletivos para compartilhar sentimentos de indignação e esperança (CASTELLS,

[1] Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

2013). Nesse contexto, a circulação social das reivindicações desses movimentos contribui para o fortalecimento e difusão de suas pautas, promovendo a expansão deles, em muitos casos, para além até de suas fronteiras nacionais – como aconteceu com o movimento argentino *Ni Una Menos*.

Em 2015, a Corte Suprema de Justiça da Argentina apontou 235 casos de feminicídio no país[2], sendo 1 feminicídio a cada 36 horas. O problema já assolava as argentinas há tempos até que, neste mesmo ano, uma jovem grávida de apenas 14 anos foi assassinada e enterrada no quintal por seu próprio noivo de 16 anos. A crueldade do caso chocou o país ao ponto de efervescer a sociedade argentina em busca de justiça para com os crimes motivados pelo gênero. Assim, o sentimento de revolta causado pelo aumento gradativo dos casos de feminicídio na Argentina trouxe o nascimento do movimento *Ni Una Menos,* coletivo de pauta feminista, que ganhou relevância como *hashtag* compartilhada na rede social *Twitter*. O movimento, formado virtualmente, extrapolou as fronteiras físicas e digitais ao ganhar forma de passeata pública no dia 03 de junho de 2015, "na frente da praça do congresso na Argentina, contanto com mais de de 200 mil pessoas" (GABARDO & LIMA-LOPES, 2018, p.45).

No ano seguinte, a marcha foi realizada na mesma data (03 de junho) não apenas na Argentina, mas também em diversos países da América Latina e na Espanha. As passeatas ainda ganharam vida em mais uma ocasião em 2016, infelizmente motivadas por mais um caso de feminicídio cruel, desta vez uma jovem de 16 anos que foi drogada, estuprada e empalada por 3 homens. O caso acarretou na chamada às ruas novamente, no dia 19 de outubro de 2016. Como recorrência de um grito que precisa ser

[2] Dados disponíveis em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/17/internacional/1476717704_725902.html/>. Acesso em: 27 ago. 2020

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

ouvido, o movimento continua ativo em integração com outros movimentos globais de cunho feminista, atuando agora no dia mundial da mulher, 8 de março.

A primeira marcha argentina teve como principal objetivo a regulamentação da lei 26.485, intitulada *Ley de Protección Integral a Las Mujeres*, que visa prevenir e punir os casos de violência de gênero. Mas, aos poucos, dado o caráter horizontal e flexível do movimento, começou a incorporar outras pautas – como a defesa da legalização do aborto gratuito. Diante disso, a pesquisadora Florencia Rovetto (2015, p.23, tradução nossa), afirma que "'Ni Una Menos', em sua rápida circulação e ampla apropriação, foi adquirindo diferentes significados e produzindo algo da ordem da confusão". A dispersão das pautas torna-se ainda mais acentuada quando o movimento passa a funcionar como uma rede de assembleias na América Latina, permitindo que em cada país as mulheres atuem de forma autônoma (MARCHAO, 2017).

Nesse contexto, não apenas as pautas como também os elementos que conferem identidade ao movimento são, por vezes, apropriados de forma desconectada de seu contexto original – como aconteceu com a campanha "Nenhuma a Menos, Paraíba" realizada por órgãos públicos e privados paraibanos, no segundo semestre de 2019. Observando a página do Instagram de um desses órgãos, a Coordenadoria da Mulher de Campina Grande, pudemos constatar que o nome do movimento foi apropriado como um slogan, que estampava blusas utilizadas por influenciadoras digitais em poses não muito diferentes daquelas adotadas em estratégias de exibição de marcas patrocinadoras.

Enquanto as imagens comumente compartilhadas na página do Facebook do coletivo argentino conclamavam à indignação contra o feminicídio (com ilustrações de mulheres assassinadas, por exemplo), os posts da Organização paraibana analisada conseguiram apenas gerar expressões afetuosas das seguidoras frente às influenciadoras e desejo de consumo da blusa em destaque – eram muitos os comentários que

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

perguntavam se aquela roupa da campanha estava à venda, a resposta era "não". Talvez as estratégias realizadas no âmbito offline tenham gerado discussões importantes, mas não tivemos acesso a essas ações. Nossa análise, das postagens realizadas no Instagram, identificou que os símbolos do movimento *Ni Una Menos* foram utilizados de modo esvaziado, mais com aspecto de autopromoção (da Coordenadoria e das influenciadoras que se envolveram na campanha) do que de revolta e discussão.

Outro movimento social que tem se espalhado mundo afora é o estadunidense *Black Lives Matter*. Advindo de revolta popular e mobilizado virtualmente, os organizadores expõem em seu site oficial a missão de "erradicar a supremacia branca e construir poder local para intervir na violência infligida às comunidades negras pelo Estado e seus agentes de segurança"[3] (BLACK..., online, tradução nossa). O termo foi impetrado através da *hashtag #BlackLivesMatter* em resposta a absolvição de George Zimmerman, acusado de assassinar a tiros o jovem Trayvon Martin de apenas 18 anos. O caso levantou a discussão sobre a problemática da desigualdade racial nos Estados Unidos que, segundo Taylor (2018) é exercida pela má conduta das instituições legais da nação [EUA]. No ano seguinte à criação do movimento (2013), após a morte de Michael Brown, alvejado com 6 tiros pelo oficial branco Darren Wilson, houve ainda maior comoção nacional em torno da causa. Ativistas reclamaram justiça para com os casos, no entanto, o policial responsável pela morte de Michael Brown foi absolvido, sendo esse o estopim para a mobilização organizada em 13 de dezembro de 2014, a primeira grande concentração do movimento, o qual uniu mais de 100 mil pessoas na

[3] Texto original: "[...]to eradicate white supremacy and build local power to intervene in violence inflicted on Black communities by the state and vigilantes".

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

cidade de Nova Iorque em prol da declaração "Vidas Negras Importam" (TAYLOR, 2018, p. 117).

O movimento foi reaceso em maio de 2020, após a morte de outro civil negro, por um policial branco, desta vez por asfixia. George Floyd, vítima do crime, estava desarmado e gritou diversas vezes que não conseguia respirar, mas seu agressor não parou, levando-o à morte. A partir disso, a revolta tomou a população não só estadunidense, mas global, e houve protestos em todos os continentes.

Assim como aconteceu no caso da *hashtag #niunamenos*, o *#blacklivesmatter* circulou nas redes sociotécnicas com intensa capilaridade e velocidade e acabou sendo apropriada também por organizações e celebridades que resolveram se engajar na luta – não sem causar discussão sobre o esvaziamento do movimento em função do modo como isso fora realizado. Em 02 de junho de 2020, gravadoras, rádios e artistas da indústria musical resolveram parar suas atividades em solidariedade aos protestos pela morte de George Floyd. Enquanto as gravadoras fecharam as portas e as rádios interromperam suas atividades, os artistas resolveram compartilhar quadrados com a cor preta em seus perfis no Instagram, como gesto de silêncio em prol da reflexão sobre o problema do racismo. Nas legendas destes posts estavam, junto às *hashtags #BlackOutTuesday* (Terça-feira de blecaute) e *#TheShowMustBePaused* (O show deve parar), *#BlackLivesMatter* e *#BLM* (sigla do movimento). O problema é que as *hashtags* neste caso cumprem a função específica de fazer circular informações sobre o movimento, tais como: pautas, links para doações, denúncias de violência policial, datas e horários de realização de protestos, registros desses protestos etc. *#BlackLivesMatter* e *#BLM* são usadas, assim, como marcadores de conteúdo, para que outras pessoas interessadas no movimento possam facilmente encontrar informações sobre ele.

A ideia da campanha era fazer com que empresas e influenciadores utilizassem aquele dia não para promover produtos, serviços ou imagem pessoal – mas sim para

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

gerar um "blecaute", uma pausa no sistema financeiro em prol do apoio ao movimento *Black Lives Matter*. Diversos usuários do Instagram, inclusive brasileiros, aderiram à campanha e postaram quadrados pretos com as *hashtags* mencionadas para engajar-se na luta antirracista. A ação, contudo, acabou gerando um "apagão" nas informações sobre o movimento e foi acusada de provocar um silenciamento acerca do que realmente importava para os ativistas que organizavam os atos antirracistas[4]. Já que ao buscar as duas principais hashtags do movimento, ao invés de encontrar informações úteis, o que se encontrava, naquele momento, eram quadrados pretos.

Nesse contexto, essa pesquisa propõe a discussão a respeito de como a apropriação das pautas de minorias em estratégias de marketing social, por parte de celebridades ou influenciadores e organizações públicas e privadas, podem provocar um esvaziamento dessas discussões. É certo que a midiatização dos temas e atos desses movimentos é salutar para a promoção de visibilidade, que pode gerar conscientização e alcance das demandas do grupo. Contudo, o que se percebe nestes casos é que, quando a circulação dos elementos que conferem identidade aos movimentos não ocorre junto a um trabalho de sentido sobre as pautas e objetivos dos grupos que o fundaram, acaba havendo uma banalização de símbolos que são caros a esses movimentos.

Diferente do *Ni Una Menos*, o *Black Lives Matter* possui um caráter mais centralizado. Ainda assim, os ativistas que lideram o movimento não puderam impedir que a *hashtag* fosse apropriada de modo diferente do uso para o qual é destinada regularmente. A midiatização produz, assim, a diluição das fronteiras, antes bem

[4] Para saber mais sobre a ação e a repercussão dela, ver: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/06/02/blackout-tuesday-artistas-e-fas-fazem-apagao-nas-redes-mas-homenagem-atrapalha-ativistas.ghtml>. Acesso em: 27 ago. 2020.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

demarcadas, entre emissão e recepção (BRAGA, 2012). Os dois movimentos falam de luta pela vida de indivíduos oprimidos cotidianamente, seja pela violência estrutural machista ou racista. Mas, seus símbolos foram utilizados em diferentes momentos com uma abordagem estética completamente desassociada da original. Nosso interesse, portanto, é discutir como a circulação desses elementos simbólicos, em momentos e contextos específicos, pode contribuir tanto para o crescimento dos movimentos quanto para o enfraquecimento de seus sentidos e objetivos fundantes.

Referências

BLACK LIVES MATTER. Disponível em: <https://blacklivesmatter.com/herstory//> Acesso em: 26, ago. 2020.

BRAGA, José Luiz. Midiatização como processo interacional de referência. Versão revista de artigo apresentado no GT Comunicação e Sociabilidade, do **XV Anais do Encontro Anual Encontro da Compós**, na Unesp, Bauru, São Paulo, em julho de 2006.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. 1.ed. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GABARDO, Maristella; DE LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves. Ni una menos: ciência das redes e análise de um coletivo feminista. **Humanidades & Inovação**, v. 5, n. 3, 2018.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333-361, 2011.

MARCHAO, Talita. Nascido de tragédia argentina Ni Una Menos tenta parar mulheres por direitos e leis. UOL, 08 mar. 2017. Disponível em: <

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/03/08/nascido-de-tragedia-argentina-ni-una-menos-tenta-parar-mulheres-por-direitos-e-leis.htm>. Acesso em: 20 ago. 2020.

NI UNA MENOS. Disponível em: <http://niunamenos.org.ar/quienes-somos//> Acesso em 21 de agosto de 2020;

ROVETTO, F. L. Violencia contra las mujeres: comunicación visual y acción política en "Ni Una Menos" y "Vivas Nos Queremos". **Contratexto**, n. 024, p. 13-34, 5 abr. 2015.

TAYLOR, Keeanga-Yamahtta. O surgimento do movimento #vidasnegrasimportam. **Lutas Sociais**, v. 22, n. 40, 2018.